

Entendendo melhor o processo de decisão para ingressar em cursos de tecnologia na Universidade Federal da Paraíba

Raquel Vigolvino Lopes¹, Renata Viegas de Figueiredo¹, Maria Gabriella Freire E. S. de Oliveira¹, Maria Victoria M. de Araujo¹, Dayanny Soares¹

¹Departamento de Ciências Exatas – Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
Av. Santa Elizabeth, S/N, Centro, CEP 58297-000 - Rio Tinto - PB - Brasil

{raquel, renata, maria.freire, maria.marcelino,
dayanny.soares}@dcx.ufpb.br

Abstract. This article analyzes factors that influence the choice of technology-related degrees at the Federal University of Paraíba (UFPB), with a focus on gender differences. Based on a questionnaire adapted from Wang et al. (2015), data were collected from 159 students enrolled in IT programs at UFPB. The results highlight prior exposure to technology and family support — the latter being especially important for women — as key factors. Most participants reported little school encouragement and limited participation in tech-related events. Women perceive disadvantages in the field due to their gender. The study reinforces the importance of understanding these factors to develop more equitable policies and awareness initiatives.

Resumo. Este artigo analisa fatores que influenciam a escolha por cursos de tecnologia na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), com foco nas diferenças de gênero. Através de um questionário baseado no estudo de Wang et al. (2015) foram coletados dados de 159 estudantes de cursos de TI da UFPB. Os resultados destacam a exposição prévia à tecnologia e o apoio familiar — especialmente importante para mulheres — como elementos decisivos. A maioria não teve incentivo escolar nem participou de eventos da área. As mulheres enxergam desvantagem por serem mulheres na área. O estudo reforça a importância de compreender esses fatores para elaboração de políticas mais equitativas e ações de conscientização.

1. Introdução

Segundo dados do censo do ensino superior, a presença feminina nas instituições de ensino superior no Brasil supera a presença masculina. Em 2023, tivemos quase 1,4 milhão de estudantes formados, sendo quase 60% destes do sexo feminino¹. Estatísticas semelhantes são observadas nos anos anteriores. Embora a presença de mulheres no ensino superior seja tão significante em muitas áreas, a disparidade de gênero nas ciências exatas e tecnológicas persiste como uma questão a ser entendida.

Essa diferença é particularmente evidente em cursos de TI, onde as mulheres representam uma parcela pequena do total de estudantes. Em 2023, 697.057 estudantes estavam matriculados em cursos de graduação na área de tecnologia da informação (TI).

¹ Dados apresentados na introdução são provenientes do censo do ensino superior (<https://www.gov.br/inep/pt-br/acesso-a-informacao/dados-abertos/microdados/censo-da-educacao-superior>).

Destes, apenas 127.977 eram do sexo feminino², o que equivale a 18,36% dos estudantes. Olhando para os concluintes de 2023, foram 13.634 mulheres (17,33%) e 65.055 homens. Embora tenha havido um aumento no ingresso feminino nos cursos de TI ao longo dos anos – passando de 13,65% (2016) para 20,40% (2023) –, esse crescimento ainda é modesto diante dos diversos programas de incentivo voltados para mulheres na tecnologia.

Estudos indicam que a sub-representação feminina em áreas de STEM (Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática) não resulta de uma única causa, mas de múltiplos fatores que atuam ao longo da vida das mulheres. Na infância, destaca-se a falta de incentivo a atividades relacionadas a STEM, como o acesso limitado a brinquedos tecnológicos e o menor apoio familiar para jogos que envolvem pensamento computacional/lógico. Além disso, há um incentivo maior para que as meninas se engajem em brincadeiras e atividades voltadas para o cuidado com o lar e com os outros. Crianças, adolescentes e adultos estão inseridos na sociedade e captam os estereótipos que essa sociedade impõe, mesmo que nada seja explicitamente falado³. Vivemos em uma sociedade que enxerga a área de tecnologia como masculina e a falta de conhecimento sobre as oportunidades e o ambiente de trabalho na área também contribuem para a hesitação das meninas e de suas famílias em apoiá-las a seguir a área. A consequência é o afastamento das meninas da área, por falta de apoio familiar [Wang et al 2015], por não acreditar que podem ser bem sucedidas [Spieler, Indruchovà e Slany 2020; Silva et al 2023] e pelo medo de isolamento [Cheryan et al 2020].

A inclusão de mulheres em TI não é apenas uma questão de equidade, mas de garantir que o desenvolvimento tecnológico seja conduzido por uma diversidade de perspectivas, o que resulta em soluções mais inovadoras e inclusivas. De um ponto de vista de igualdade de gênero, entender a razão das mulheres buscarem pouco uma área com tantas oportunidades é motivo de reflexão e de luta para reverter a situação. Nesse sentido, entender melhor as causas que afastam as mulheres da área é muito importante.

O objetivo deste estudo é lançar luz sobre fatores que são considerados pelos estudantes na hora de escolher seu curso de graduação em tecnologia. Para isso, um instrumento de coleta do tipo questionário foi elaborado, e foram coletados dados de 159 estudantes de cinco cursos da área de tecnologia ofertados na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Estes dados foram analisados e reportados neste artigo. Ao analisar esses aspectos, o estudo pretende oferecer contribuições que vão além da UFPB, servindo como um modelo de coleta e análise para outras instituições. O instrumento de coleta usado neste trabalho foi proposto em decorrência do trabalho anterior [Lopes et al 2023] onde os autores discorrem sobre a importância de entender estes fatores e sobre medir os efeitos de incentivo a mulheres na tecnologia.

Na sequência, vamos apresentar trabalhos relacionados, em seguida, na Seção 3, vamos apresentar a metodologia adotada neste trabalho. Na Seção 4 apresentamos os resultados principais da pesquisa e, na Seção 5, nossas conclusões.

² Os dados do senso dividem os estudantes em sexo masculino e feminino, e portanto assim trataremos aqui neste artigo.

³ Fenômeno explicado por teoria do aprendizado social (Bandura) e o conceito de habitus (Bourdieu), que demonstram como padrões culturais são internalizados sem a necessidade de instruções diretas.

2. Trabalhos Relacionados

Wang et al. (2015) analisam a baixa participação feminina em Ciência da Computação, destacando a importância da equidade de gênero e as preocupações com o mercado de trabalho. O estudo, com 1.739 estudantes nos EUA, identificou 91 variáveis que influenciam a decisão de seguir áreas de computação, destacando o encorajamento social e a exposição como fatores-chave. O questionário utilizado nesta pesquisa foi inspirado nos resultados do estudo de Wang et al. (2015).

O estudo de Mello et al. (2023) analisou trajetórias de egressas da UNIPAMPA em cursos de Computação, destacando a importância do acesso precoce à tecnologia, do apoio familiar e das experiências escolares na escolha da área. A pesquisa aponta que feiras de profissões e competições acadêmicas podem incentivar o interesse feminino em tecnologia, além de enfatizar a necessidade de políticas que promovam maior visibilidade e apoio desde a educação básica. Os resultados indicam que o preconceito de gênero e a falta de modelos femininos desmotivam as meninas a seguir carreiras em STEM, contribuindo para a baixa representação feminina nesses campos.

O estudo de Spieler, Indruchová e Slany (2020) analisa como os estereótipos de gênero afetam o interesse e a percepção de meninas de 12 a 15 anos pela área de tecnologia, destacando que elas se veem como tecnologicamente ineptas e acreditam precisar ser mais inteligentes para ter sucesso. A pesquisa sugere que a eliminação desses estereótipos, por meio de incentivos, programas de mentoria e iniciativas exclusivas para mulheres, é essencial. Outros estudos, como o de De Deus, Freire e Farias (2020), indicam que os meninos têm vantagem no conhecimento básico sobre computação e que a falta de estímulo familiar e escolar contribui para o desinteresse das meninas pela área. A pesquisa de Silva et al. (2023) também explora as barreiras percebidas pelas meninas do ensino básico em relação às carreiras de STEM, com foco em questões de gênero, autoestima e influências socioculturais, apresentando resultados semelhantes aos anteriores e aos encontrados em nosso estudo. Os trabalhos citados fornecem uma base sólida para a continuidade da nossa pesquisa e nossas conclusões.

3. Metodologia

A pesquisa apresentada neste trabalho é de natureza quantitativa, que analisa dados coletados através de um instrumento de coleta do tipo questionário. O questionário usado neste trabalho foi elaborado à luz dos resultados apresentados em no artigo de Wang et al (2015). Desta forma, o questionário é dividido em seções, que abordam aspectos tais como as motivações pessoais e familiares para a escolha do curso, influências externas, percepção de barreiras e expectativas futuras. O instrumento de coleta pode ser acessado em <<https://bit.ly/acessoWIT2025>>.

O questionário estruturado inclui perguntas objetivas de escala de Likert⁴ e múltipla escolha, permitindo a coleta de dados quantitativos sobre as experiências e percepções dos estudantes ao decidir sobre seu curso de graduação. A aplicação do questionário é realizada on-line para facilitar o acesso e a participação é anônima. Para as questões que utilizarem a escala Likert usamos a metodologia de análise de *ranking*

⁴ As opções de Escala Likert foram classificadas nas seguintes categorias: Discordo Totalmente (peso 1), Discordo Parcialmente (2), Neutro (3), Concordo Parcialmente (4) e Concordo Totalmente (5).

médio. À luz dos resultados de Wang et al (2015), organizamos nossa análise considerando **fatores controláveis** e **não controláveis** que influenciam na decisão do curso. Os seguintes fatores controláveis são considerados: **exposição prévia** a tecnologias e **incentivo externo**. Dentre os fatores não controlados, o único que consideramos na análise é o da confiança que o estudante tem sobre sua capacidade em questões de tecnologia (**autoeficácia**), [Bandura 1978].

3. Resultados

A população alvo desta pesquisa comprehende os estudantes dos cinco cursos de TI oferecidos pela UFPB. O formulário contou com 159 respostas, analisadas considerando os seguintes grupos: (i) grupo geral (todos os participantes); (ii) estudantes do sexo feminino (40 participantes); (iii) estudantes do sexo masculino (115 participantes); (iv) estudantes de Bacharelado em Ciência da Computação (BCC) (20,75%, 12 mulheres, 21 homens); (v) estudantes de Bacharelado em Ciência de Dados e Inteligência Artificial (BCDIA) (10,06%, 5 mulheres, 11 homens); (vi) estudantes de Bacharelado em Engenharia de Computação (BEC) (15,09%, 2 mulheres, 22 homens); (vii) estudantes de Licenciatura em Ciência da Computação (LCC) (25,16%, 11 mulheres, 28 homens) e (viii) estudantes de Bacharelado em Sistemas de Informação (BSI) (28,93%, 10 mulheres, 33 homens). Os cursos BSI e LCC são ofertados no Campus IV (interior) e os demais no campus sede. Os respondentes são de períodos diversos desde 2012.1 a 2024.2, com maioria concentrada entre 2021.2 e 2024.1. A maioria dos participantes, 60,38% (96), declararam não ter precisado se mudar para outra cidade para cursar a graduação, indicando que residem na cidade do campus ou em municípios próximos.

Os dados revelam uma diferença no acesso a computadores entre homens e mulheres desde o ensino médio. Enquanto 49,57% (57) dos homens possuíam um computador próprio (não compartilhado) nesse período, apenas 32,50% (13) das mulheres relataram o mesmo. A maioria das mulheres (35% – 14 pessoas) só adquiriu um computador ao ingressar na universidade, o que pode ter representado uma desvantagem inicial no desenvolvimento de habilidades tecnológicas. Além disso, 16,65% (18) dos homens e 22,50% (9) das mulheres tiveram acesso a um computador durante o ensino médio, mas de forma compartilhada com familiares, o que pode ter limitado seu tempo de uso e aprendizado. Sabemos que o acesso precoce e individualizado à tecnologia favorece o desenvolvimento de competências essenciais, fortalecendo a autoconfiança e a motivação para os cursos de TI, especialmente entre os homens. Esses achados reforçam a importância de políticas que promovam o acesso equitativo à tecnologia desde a educação básica.

Sigamos agora para a análise dos resultados. A Figura 1 traz resultados de *ranking médio* para quatro perguntas gerais sobre a escolha do curso e autoeficácia:

- **[incentivo externo]** Ao escolher o seu curso você considerou fatores econômicos, oportunidades de emprego e potencial de ganhos?
- **[autoeficácia]** As pessoas que foram mais expostas às tecnologias desde a infância tendem a ter uma facilidade maior em cursos de tecnologia?
- **[exposição]** Na sua infância, você costumava jogar jogos de vídeo games ou de computador/tablet ou de outros brinquedos tecnológicos?

- [autoeficácia] Sempre tive muita habilidade em matemática e resolução de problemas?

Pode-se observar que, em todos os grupos analisados, a profissão na área de TI é amplamente percebida como economicamente promissora. Além disso, há um alto nível de concordância quanto à ideia de que a exposição prévia a tecnologias facilita o aprendizado em cursos da área, destacando a relevância dos brinquedos tecnológicos na infância. Esse fator pode colocar em desvantagem as estudantes do sexo feminino e aqueles de menor renda, que, em geral, tiveram menos acesso a esse tipo de recurso por questões culturais e/ou econômicas. Observou-se que os grupos de mulheres e estudantes de licenciatura apresentaram *rankings* médios inferiores. Por fim, no que diz respeito à autoeficácia, os estudantes do Campus IV (BSI e LCC) demonstraram menor concordância em relação à sua facilidade com matemática e resolução de problemas, o que contribuiu para a redução das médias gerais desses indicadores.

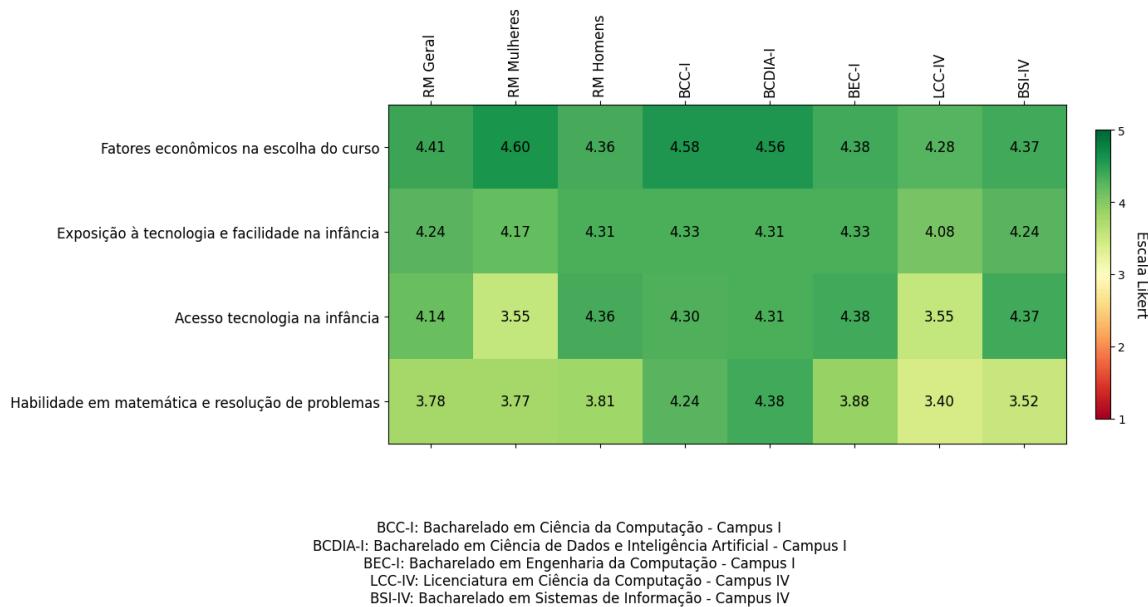


Figura 1. Ranking médio de questões gerais sobre os participantes e escolha do curso.

Considerando o fator de exposição prévia à tecnologia, os participantes foram questionados sobre a presença de laboratórios de informática nas escolas onde cursaram o ensino fundamental/médio. 52,5% das mulheres (21) confirmou a presença de laboratórios, enquanto 57,39% dos homens (66) confirmou a ausência de laboratórios de informática. Para os 70 participantes que confirmaram a presença de laboratórios nas escolas, foi analisado o tipo de acesso que tinham a estes laboratórios. Entre as mulheres, 85,71% (18) tinham acesso aos laboratórios de informática e entre os homens, 91,84% (45) tinham acesso aos laboratórios. Para os 63 participantes que confirmaram a presença de laboratórios nas escolas, analisamos: se havia aula de informática, se o laboratório de informática era usado em outras disciplinas que não informática, se os laboratórios de informática ficavam disponíveis para uso dos estudantes. A Figura 2 mostra os rankings médios calculados para todos os participantes (grupo geral) e para os grupos já apresentados anteriormente. Percebe-se que os laboratórios não foram usados de forma marcante pelos participantes, exceto para o grupo de estudantes de BCDIA, que tinham aulas de informática e acesso aos

laboratórios no ensino médio. Os participantes dos cursos de BEC e BCC responderam que tiveram contato com tecnologias mais cedo, ainda no ensino fundamental. Os estudantes dos demais cursos, em sua maioria, responderam que foram expostos a tecnologias apenas no ensino médio. Não é possível identificar se esta exposição mais cedo de alguns grupos causou escolhas de cursos diferentes dentro da área.

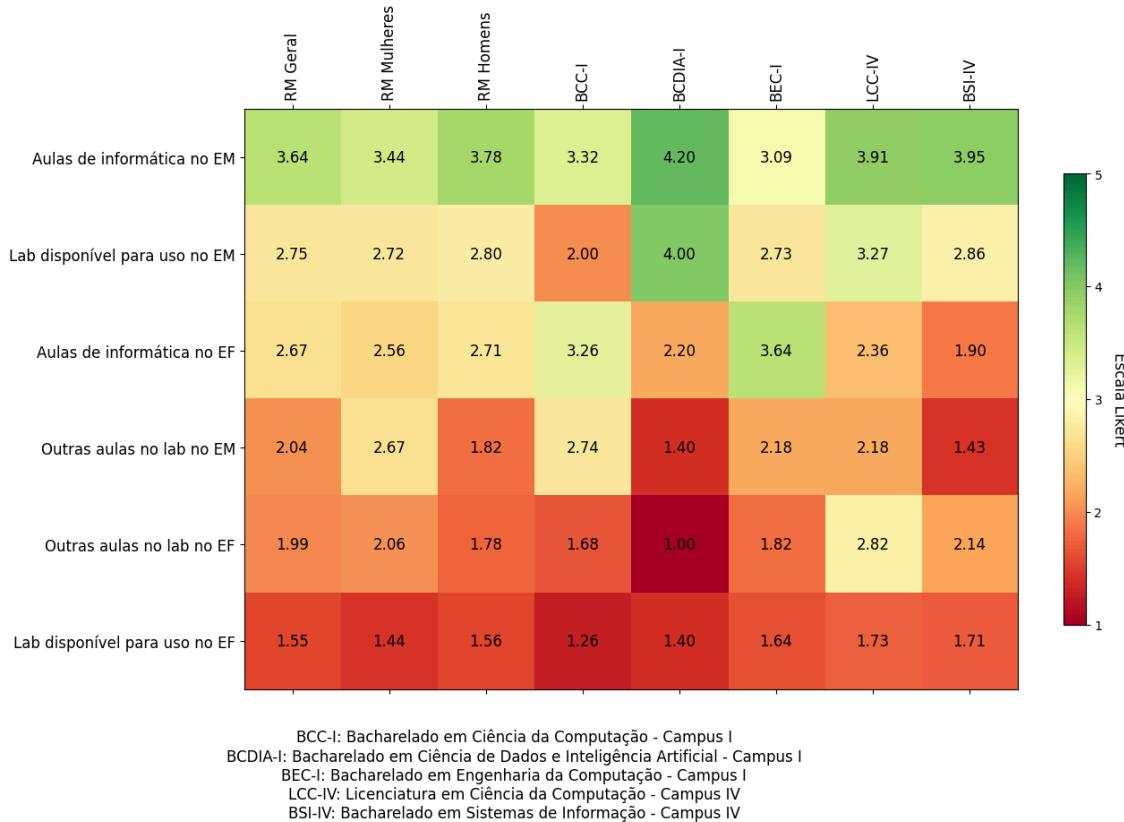


Figura 2. Acesso a laboratórios de informática no ensino fundamental/médio.

Analizando os rankings médios dos grupos de participantes do sexo feminino e masculino, percebemos que os homens parecem ter uma percepção menos negativa dessa exposição prévia a aulas de informática e acesso a laboratórios nas escolas. Estes resultados indicam que apesar de já haver algum incentivo para iniciação tecnológica nas escolas, ainda temos um longo caminho a percorrer nesse sentido. A falta de conhecimento sobre a área pode afastar as mulheres, que já crescem com a crença de que é uma área para os homens e não são capazes [Spieler, Indruchovà e Slany 2020].

Olhando para o pilar de **incentivo externo**, analisamos (i) quantos professores ou outros profissionais na escola incentivaram os estudantes a seguir para uma graduação em tecnologia e (ii) participação em eventos de tecnologia. Sobre a influência recebida na escola, a análise dos resultados mostra que a maioria dos participantes, tanto mulheres quanto homens, não recebeu influência significativa da escola em suas escolhas de área de interesse (80% dos homens e 72,5% das mulheres). Este resultado reforça o resultado anterior, da superficialidade de aulas de informática e de acesso aos laboratórios de informática. Dentre as mulheres (11) que foram influenciadas por atores na escola, percebe-se uma influência mais diversificada, vindas de professores de

diferentes disciplinas e colegas. Já entre os homens (23), a influência veio principalmente de professores de informática e amigos.

Sobre o incentivo externo proveniente da participação em eventos de tecnologia durante a escola, foi possível observar que os participantes não tiveram oportunidades suficientes e, portanto, não se enquadram como fontes de aprendizado sobre a área ou de influência para perseguir carreira em tecnologia. Os rankings médios sobre participação em eventos desde o ensino infantil ao médio foram todos em torno de 1 ou 2. De acordo com os resultados, a maioria das mulheres (57,50%) e dos homens (53,06%) nunca participou de eventos de tecnologia. A baixíssima participação em eventos de tecnologia durante a escola revela a falta de divulgação da área nas escolas, o que não tem sido um problema para os homens, mas para as mulheres. A falta de conhecimento sobre os cursos de tecnologia e possibilidades de atuação pode ser um fator que afasta as mulheres da área. Se elas não têm informações claras sobre as opções disponíveis, as possibilidades de carreira e os modelos de referência com quem se identificam, diminui a chance de considerarem esses cursos estereotipados como masculinos para sua carreira.

Com o intuito de começar a medir o efeito de ações de grupos da UFPB que são parceiros do Programa Meninas Digitais⁵, questionamos sobre a participação em eventos de tecnologia organizados por estudantes/professores da universidade. 37,50% das mulheres e 33,91% dos homens indicaram que participaram de eventos ou oficinas, mas que não foram promovidos pela UFPB. Apenas 5% (2) das mulheres e 13,04% (15) dos homens confirmaram que os eventos ou oficinas que participaram foram organizados pela UFPB. Este resultado é significativo para redesenhar as ações dos grupos nas escolas; se a intenção é atrair mais mulheres, é preciso reavaliar as ações. Ainda sobre incentivo externo, os participantes responderam sobre a importância do apoio da família para a escolha do curso em uma escala de 1 a 5, onde 1 é "Não foi importante" e 5 é "Foi muito importante". Os resultados são apresentados na Figura 3.

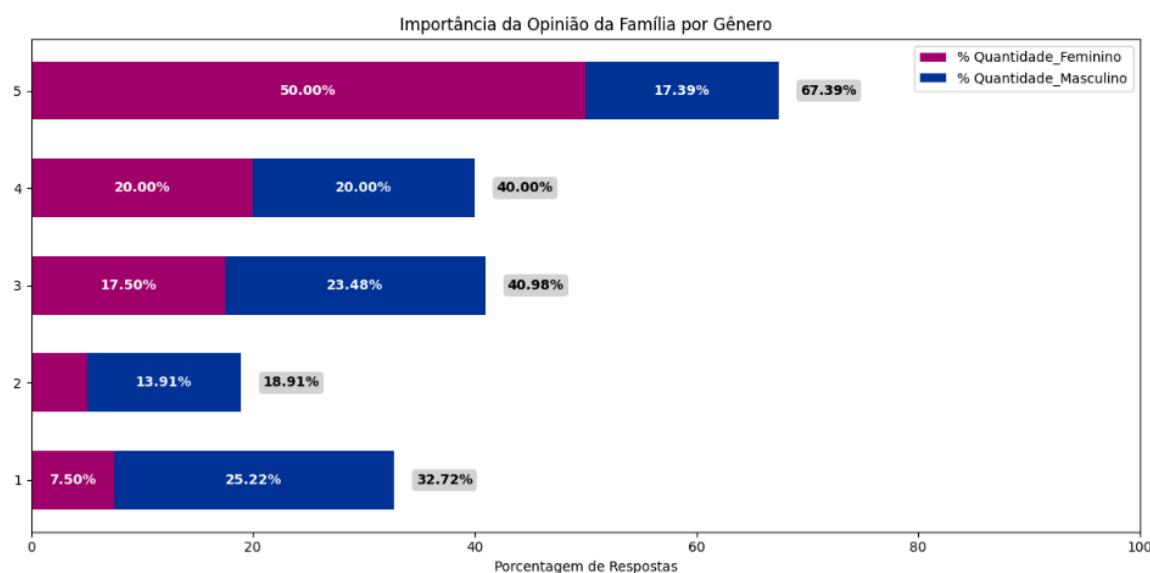


Figura 3. Importância do apoio familiar para a escolha do curso.

⁵ <https://meninas.sbc.org.br/>

70% das mulheres consideraram o apoio familiar importante ou muito importante, enquanto esse nível de importância foi relatado por 39,4% dos homens. Esses resultados estão em consonância com os achados de Wang et al (2015), que também indicam que o apoio familiar tem um impacto mais significativo para as mulheres que vão estudar tecnologia. Enquanto apenas 13,5% das mulheres consideraram esse fator pouco relevante, entre os homens, essa porcentagem foi significativamente maior, com 39,13% classificando o apoio familiar como pouco importante ou sem importância. Na Figura 4 apresentamos mais detalhes sobre o apoio familiar recebido. Fica claro que o apoio materno e paterno é muito importante, em especial para as mulheres. No entanto, de maneira geral, esse apoio é relevante para todos os participantes. O apoio dos irmãos é também mais importante para as mulheres. O apoio de outros familiares não parece ser fator decisório. Para o grupo que participou desta coleta, vemos médias baixas para a ausência de apoio familiar indicando que a maioria dos participantes discorda dessa afirmação. Embora ambos os grupos tenham apresentado médias baixas, as mulheres se destacaram com uma média ainda menor.

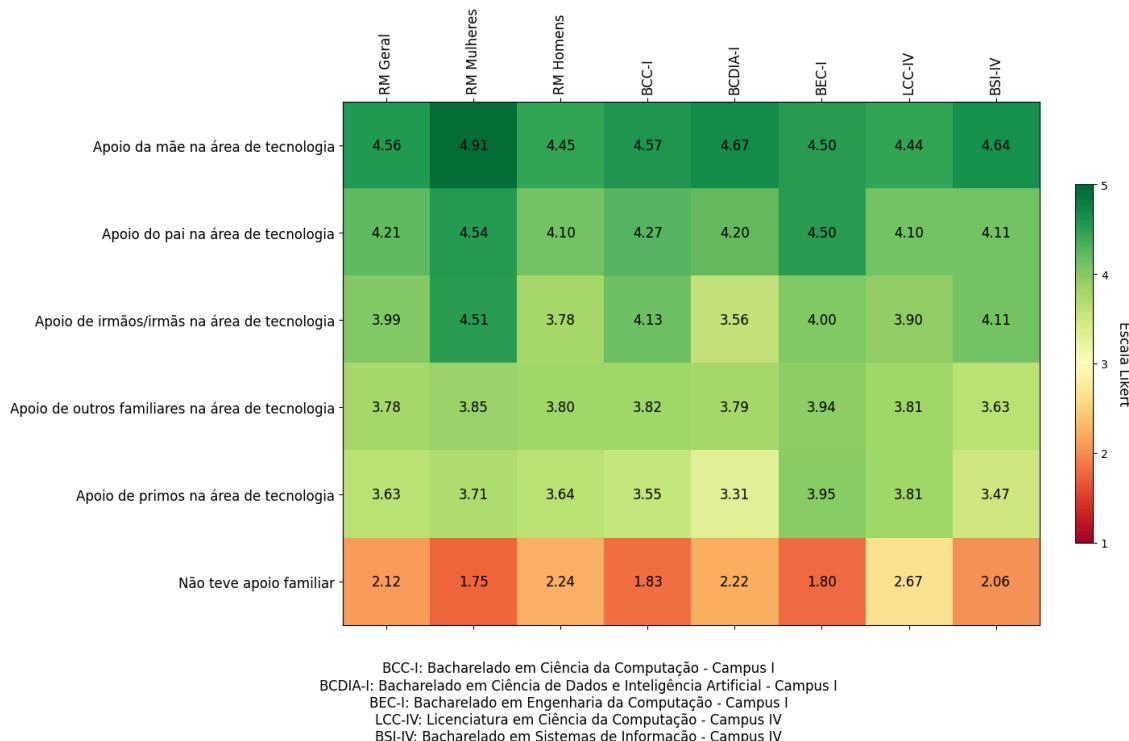


Figura 4. Familiares que tiveram influência nas escolhas de curso.

A influência de pessoas que já atuam na área, como amigos, familiares, personagens fictícios ou profissionais reconhecidos, não se mostrou forte (ver Figura 5). Amigos do sexo masculino que atuam na área tiveram alguma influência, especialmente entre os homens e estudantes de BSI. A segunda maior influência foi de séries e filmes, com uma importância ligeiramente maior para os homens, sugerindo que, embora ambos os gêneros possam ser inspirados por personagens fictícios, os homens são mais influenciados já que há predominância de personagens masculinos. O resultado também destaca a baixa representatividade feminina na área, refletida pelos menores rankings de influências femininas, o que contribui para afastar ainda mais as mulheres da área.

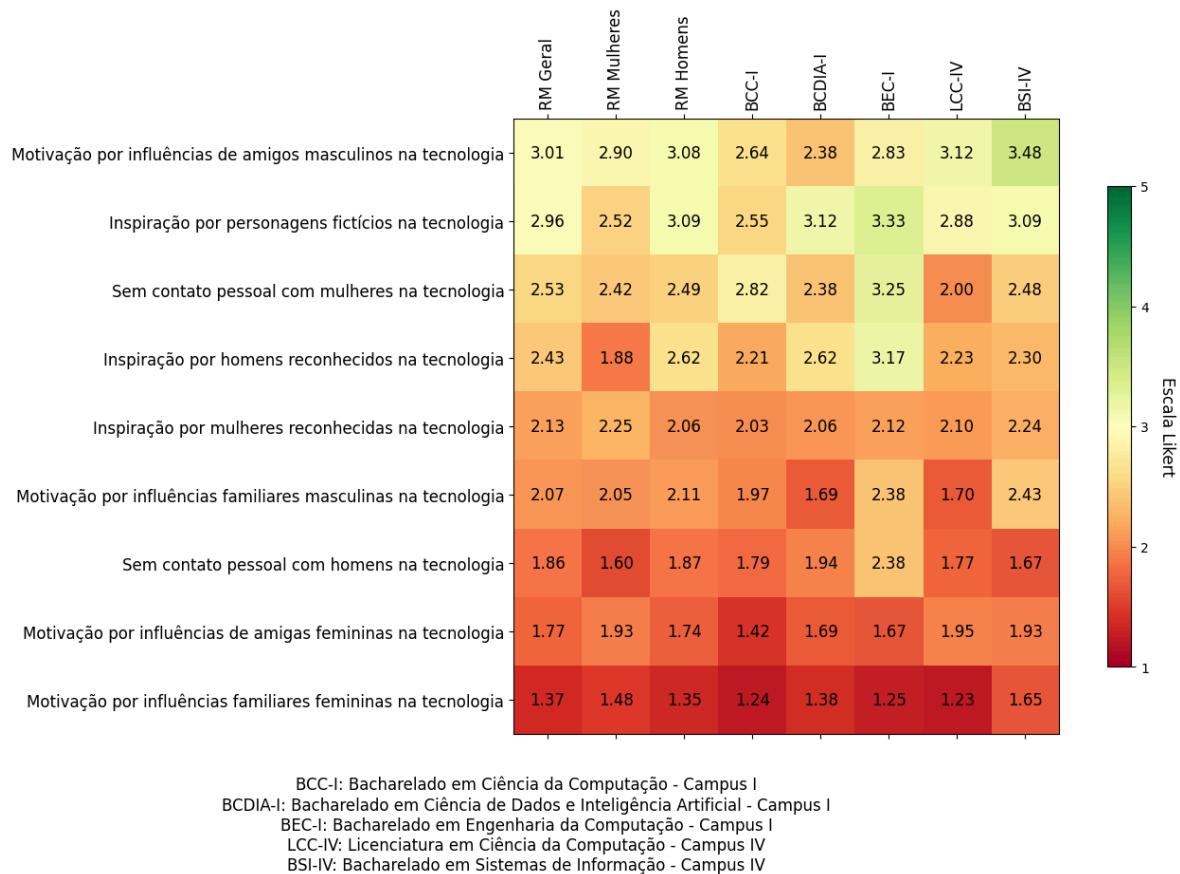


Figura 5. Outras possíveis influências para a escolha do curso na área da Tecnologia.

Ao questionar os participantes sobre a crença deles a respeito de homens e mulheres terem as mesmas chances de serem bem sucedidos em carreiras na área de tecnologia, obtivemos os resultados apresentados na Figura 6.

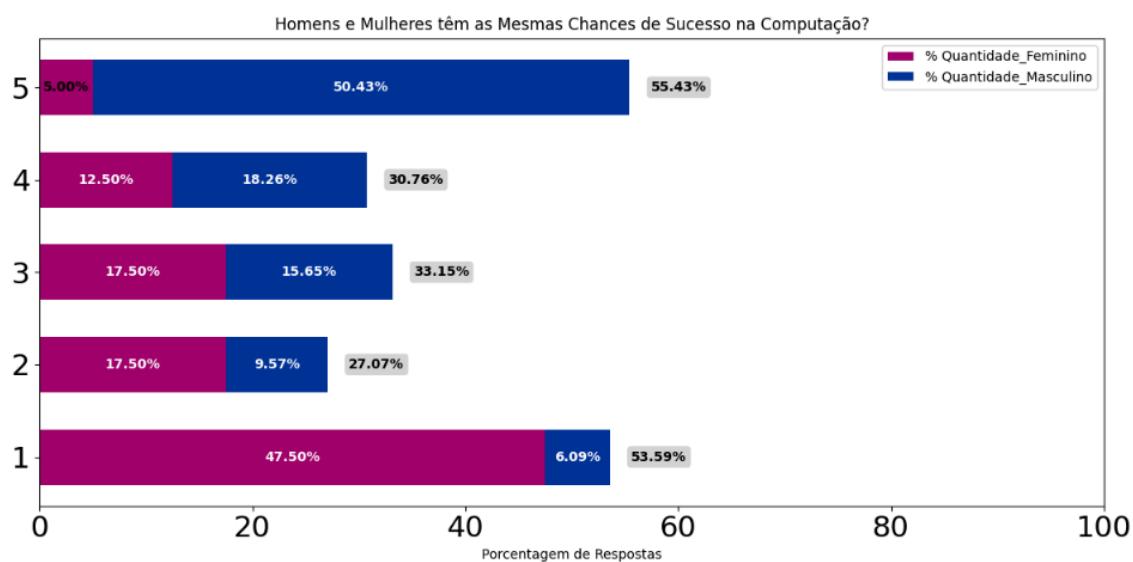


Figura 6: Opinião sobre as chances de sucesso na carreira de Computação.

A maioria das mulheres (65%) acredita haver desigualdade de oportunidades na área, possivelmente devido a discriminação, microagressões e falta de representatividade feminina. Por outro lado, a maioria dos homens (68,69%) acredita que homens e mulheres têm as mesmas chances de sucesso, o que pode refletir o **privilegio da não percepção**, em que a ausência de vivência das barreiras dificulta a compreensão de suas consequências. Esse contraste destaca a necessidade de ações para aumentar a conscientização, incentivar a representatividade feminina e envolver os homens nas discussões sobre inclusão.

5. Conclusões

Esta pesquisa investigou os fatores que influenciam estudantes da UFPB na escolha de cursos de tecnologia, com foco nas diferenças de gênero. Os resultados indicam que, embora ambos os sexos vejam a área de TI como economicamente promissora, as mulheres tendem a ter menor exposição prévia à tecnologia, reflexo de influências culturais que as direcionam para atividades não tecnológicas. Além disso, há uma concordância geral sobre a importância da exposição prévia à tecnologia para facilitar o aprendizado nos cursos da área, o que pode colocar em desvantagem estudantes com menor acesso a recursos tecnológicos na infância, incluindo especialmente estudantes do sexo feminino [De Deus 2020]. Em relação ao incentivo externo, o incentivo escolar mostrou-se pouco significativo, com baixa disponibilidade de laboratórios e aulas de informática no ensino básico, além de pouca participação em eventos da área. O apoio familiar, revelou-se mais relevante para as mulheres ao decidirem seguir na computação, em linha com Wang et al. (2015). Notamos ainda uma discrepância na percepção sobre as chances de sucesso na área: enquanto a maioria das mulheres percebe desigualdade de oportunidades, a maioria dos homens acredita em equidade, evidenciando a falta de reconhecimento dos desafios enfrentados pelas mulheres.

As implicações destes achados são diversas. A menor exposição prévia à tecnologia para alguns estudantes reforça a necessidade de políticas que promovam o acesso equitativo à tecnologia desde a educação básica. A falta de incentivo escolar e a baixa participação em eventos de tecnologia apontam para a importância de iniciativas que aproximem o universo da tecnologia das escolas. A maior relevância do apoio familiar para as mulheres sugere que ações que envolvam as famílias podem ser particularmente eficazes para aumentar a participação feminina. Finalmente, a discrepância na percepção sobre as chances de sucesso realça a necessidade de ações de conscientização, promoção da representatividade feminina e engajamento masculino nas discussões sobre equidade de gênero na área.

Esta pesquisa possui a limitação da restrição da amostra a estudantes da UFPB e a natureza autorreportada dos dados. Assim, generalizações dos resultados devem ser feitas com cautela. No entanto, reforçamos que nossos resultados corroboram com resultados de trabalhos prévios [Wang et al 2015; De Deus, Freire e De Farias 2020; Vrieler, Nylén, Cajander 2020; Spieler, Indruchovà e Slany 2020; Mello et al 2023].

Futuras pesquisas devem aprofundar a análise sobre a relação entre gênero, autoconfiança em matemática e escolha profissional, além de explorar qualitativamente as experiências das estudantes na computação. Entender esses fatores é essencial para

desenvolver estratégias que ampliem a inclusão feminina na tecnologia e contribuam para um cenário mais equitativo na área.

Agradecimentos

Este trabalho foi desenvolvido por integrantes do projeto IT Girls, que apoia alunas e professoras de tecnologia no Campus IV da UFPB, promovendo ações de pesquisa, mentoria e conscientização sobre gênero na área.

Referências

- Bandura, A. Self-efficacy: Toward a unifying theory of behavioral change. *Advances in Behaviour Research and Therapy*, Volume 1, Issue 4, 1978, pgs. 139-161.
- De Deus, S.; Freire, S.; De Farias, C. (2020) Um estudo sobre as dificuldades de inserção de meninas na computação. In: Anais do XIV Women in Information Technology, (2020), Porto Alegre.
- Cheryan, S.; Ziegler, S. A.; Montoya, A. K.; Jiang, L. (2017) Why are some STEM fields more gender balanced than others?. In: *Psychological Bulletin*, v. 143, n. 1, p. 1–35.
- Lopes, Raquel; Maciel, Beatriz; Soares, Dayanny; Figueiredo, Larrysa; Carvalho, Marcus. (2023) Análise e reflexões sobre a diferença de gênero na computação: podemos fazer mais? In: Anais do XVII Women in Information Technology (WIT), 2023, João Pessoa/PB.
- Mello, Aline Vieira de; Petró, Vanessa; Melo, Amanda Meincke; Finger, Alice Fonseca; Sá, Maiara Neri Bustamante. (2023) Egressas de Cursos de Computação: o quê as influenciou a escolherem um curso na área? In: Women in Information Technology (WIT), 17., 2023, João Pessoa/PB.
- Silva, Aline de Galés; Prado, Renata Muniz; Moro, Mirella M.; Araujo, Aleteia. (2023) Autopercepção de Meninas do Ensino Básico em Relação às Carreiras de STEM. In: Women in Information Technology (WIT), 17., João Pessoa/PB.
- Spieler, Bernadette; Oates-Indruchová, Libora; Slany, Wolfgang. (2020) Female students in computer science education: Understanding stereotypes, negative impacts, and positive motivation. *Journal of Women and Minorities in Science and Engineering*, v. 26, n. 5.
- Vrieler, T.; Nylén, A.; Cajander, Å. (2020) Computer science club for girls and boys – a survey study on gender differences. *Computer Science Education*, v. 31, n. 4, p. 431–461.
- Wang, Jennifer; Hong, Hai; Ravitz, Jason; Ivory, Marielena. (2015) Gender Differences in Factors Influencing Pursuit of Computer Science and Related Fields. In: Proceedings of the 2015 ACM Conference on Innovation and Technology in Computer Science Education (ITiCSE '15). New York: Association for Computing Machinery, p. 117–122.